

# TRADIÇÕES MÉDICAS POPULARES

DA

REGIÃO DA FEIRA (1)

POR

ANTÓNIO C. DE CARVALHO FERREIRA SOARES

E

ARMANDO J. DE CARVALHO FERREIRA SOARES

Alunos da Faculdade de Medicina do Porto

(De Nogueira da Regedoura—Feira)

---

Nas primeiras lições do ano decorrente, o nosso Professor de Anatomia, sr. dr. Joaquim A. Pires de Lima, formulou o desejo de que, nas diversas localidades, se fizesse a nota dos termos populares das partes do corpo e seus achaques, com as atribuídas causas, respectivas curas e concomitantes crendices.

Acontece morarmos numa aldeia muito perto daquelas por onde andou a ares o que foi Professor desta Escola e ilustre escritor português Joaquim Gomes Coelho, *Júlio Denis*, — aldeia aonde vamos todos os domingos umas horas, e onde se mantém inalterado o «linguajar», que o escritor fonografou e pôs na bôca de suas personagens populares, as do segundo plano, como o *Cancela da «Morgadinha»*, o *Zé P'reira*, a beata *Catarina*, *Joãozinho das Perdizes*, o *Tapadas*, o *brasileiro Seabra* e o *mestre Bento Pertunhas*, — (*Bento* era o nome do então professor da freguesia

---

(1) Comunicação em sessão científica de 26 de Fevereiro de 1924.

de S. Félix, onde o escritor esteve; e o apelido *Pertunhas* era o do professor da limítrofe Grijó). E da nossa pequena propriedade vê-se o monte e a alvejante capelinha da *Senhora da Saúde*, onde Júlio Denis respirou bons ares e aonde levou as suas personagens da referida «Morgadinha». E avista-se também o «Mosteiro» que fica aos pés do monte... O bom, chão, grande e fero *João Semana* que nas «Pupilas» passa a cavalo enchendo as estradas sòlheiras com o seu corpanzil coberto a linho cru, o seu guarda-sol imenso e a ramalhoça de carvalho na pescocreira da alimária, era um médico autêntico do concelho, limítrofe, de Ovar. O *Tomé da Póvoa*, a tão desembaraçada *Ti-Ana-do Vedôr*, dos «Fidalgos», não teem um termo, um anexim, um «bordão», um geito de falar que não sejam daqui.

E como de muito novos nos fôra facultado ler e reler os livros de Júlio Denis, fomos agora mais uma vez relê-los com sofreguidão, na vã esperança de, catando bem, encontrarmos lá — se foi um médico que os fez neste «meio» aldeão e com uma comparsaria daqui — bastas alusões a mênzhas e respectivas superstições locais, que nos seria fácil tomar por ponto-de-partida e roteiro, aferindo-as pelo actual falar, e completando com o que indagássemos e ouvíssemos. Tanto mais que nos recentes contos e novelas *regionais* do escritor beirão Aquilino Ribeiro topamos aproveitado êste veio, com a respectiva intervenção do *maravilhoso* popular, representado por os *corpos-abertos* (que em nossa terra se dizem *moradas-abertas*), *tranglos-manglos*, *zangos*, etc., sendo enormes as parecenças com a nomenclatura daqui, apesar da distância de cá às mais recuadas serras da Beira. Verdade é que, embora recuadas as serras onde o falar do povo é tão semelhante ao daqui, é lá (na da Lapa) que nasce o rio desta região, o Vouga, e de lá vem gente, desde sempre, até cá baixo «à Vouga» (Costa Nova, Aveiro, etc.), ao sal e a outros géneros que lá falham. Pelo menos daí uma certa comunicação, explicativa daquela seme-

lhança vocabular, que já não existe para correspondentes falas de Trás-os-Montes ou Alentejo: essa comunicação está alterada com a recente exploração da linha-férrea de Val-do-Vouga, que pôs ponto no convívio periódico e demorado com ranchos de almocreves descidos das serras cá para baixo... — Digamos ainda que, se não fôsse já desviado do assunto assinado pelo Professor Pires de Lima, e se não minguara o tempo, seria de tentar o cotejo do «maravilhoso» popular, no capítulo «mazelas e malefícios», de terra para terra; pois que, por exemplo, neste distrito, o de Aveiro, fala-se muito no «tardo» (além do lobis-homem, bruxas, creaturas que «correm fado»), e não ouvimos que, como em serras da Beira, se fale por cá, presentemente, de «zangos» no sentido de activos seres maléficos, mas tão só como efeitos, na forma «azango» («aquilo parece azango», etc.). Também a espécie *corpos-abertos* ou *moradas-abertas* e *meninos-bentos*, benzedores, tem na nossa Nogueira da Regedoura, representantes que veem de longe, e de nomeada ao largo:

Era desta Nogueira aquele «santo, José da Rocha» que benzeu e defumou Camilo Castelo Branco, por 1860-61, nas cadeias da Relação do Pôrto, onde convizinham os dois, como o romancista descreve a págs. 170-181, I vol., 5.<sup>a</sup> edição das *Memórias do Cárcere*. Êle andava pelos 70 anos quando Camilo o encontrou, como êste escreve; já muitos anos dobaram sôbre a sua morte; e ainda é bem viva, por perto e longe, a sua memória. Mesmo à cadeia — notou o escritor — «*de longes terras, raro era o dia em que não vinham a êle ranchos de mulheres e homens, cabisbaixos e reverenciosos, como caravanas de turcos ao santuário de Meca. Vinha aquela gente à reza do santo e a consultas sôbre moléstias abandonadas da sciência...*». Consta, sem discrepância, que era um crente e um desinteressado, não levando dinheiro por a intervenção contra mazelas e malas-artes dos «espíritos do mal». Fês-se notar de Camilo a fácies do Rocha: «*Sata raras vezes do seu cubi-*

culo e trazia no rosto um sorriso e uma luz de bem-aventurado»; e fêz-se notar também o estranho brilho de seus olhos: «*enviezando ao firmamento olhos flamejantes do fogo inspirativo da pitonissa*». Foi muito de relance o olhar de Camilo para êsse homem; tão de relance, que lhe errou a naturalidade trocando Regedoura em Rechousa (pág. 179) <sup>(1)</sup>, e desconheceu que a prisão fôra por uma vingança, que todo o povo do lugar e redondezas unânimemente reconheceu, e ainda reconhecem os velhos que sobrevivem. Se o soubera, da sua pena sairiam as plangências ou frémios coléricos que desfere a propósito de outros presos. Não obstante, e apesar da leve ironia «no fogo da pitonissa», o escritor sublinhou-lhe o flamejar dos olhos; o que êle ignorava é que o Rocha hipnotizava com o olhar, e prostrava desamparados no chão alguns clientes, de-certo aterrado êle mesmo da maravilha, só atribuível pelo povo — então mais do que hoje — a poder extra-humano. Muito contribuiria essa peculiaridade do seu *poder* para o grande nome que tinha; e ainda vive um seu vizinho octogenário, sr. Alexandre Silvestre Corrêa, que disso se recorda, — e de actos de desinterêsse do homem. É insuspeita a testemunha, porque é um filho do então cirurgião do lugar, — minguando por certo a seu pai a clientela com tal vizinhança. O facto de Camilo notar tanta visita ao Rocha, sem desfechar-lhe leve zombeteio a interesseirices, parece confirmar-lhe a boa fama <sup>(2)</sup>. Perdura e *rende*: desde aqui, em largo raio que chega até Barcelos por norte, Anadia a sul e, pelas serras de leste, até

<sup>(1)</sup> Edição supradita das *Memórias do Cárcere*.

<sup>(2)</sup> Pelo carácter]de desinterêsse e de crença sincera, cremos que êste Rocha bem pode considerar-se como pertencendo à categoria de *salutadores*, consoante o sr. dr. J. A. Pires de Lima, a pág. 8 do opúsculo *O dente santo*, à parte uma das «*castas* de pessoas que o povo considerava outrora dotadas de poderes sobrenaturais», — em contraposição à casta dos «*feiticeiros* que recebia do diabo a arte de adivinhar».

«*à Paiva*» e até perto de Viseu, vai hoje, e desde há muitos anos, um conterrâneo industrioso, que *ao longe ainda se faz apellidar «Rocha»*, posto seja outro seu apellido «de nação». E, mesmo à beira da casa onde viveu o vero Rocha, o de Camilo, no sítio da Cabreira (entre Nogueira e Grijó), — casa que, não vão muitos meses, foi quási tôda apeada com parte da «sala das rezas» — tentou a mesma vida, inda há meia dúzia de anos, um rapazote muito novo, — porque era grande chamariz poder dizer-se e espalhar-se: «*o menino-bento, a morada-aberta da Cabreira...*».

Mas — revertendo — fomos reler os livros de Júlio Dinís na vã esperança de lá encontrar bastas alusões a mêzinhas e superstições locais. Engano. Júlio Dinís evita roçar por tais assuntos: dir-se ia que, na sua doença, achando lenitivo em escrever páginas de Arte, achava contra-indicado reocupar-se de assuntos ligados aos estudos profissionais. Morrem-lhe nos romances umas poucas de pessoas; mas o médico romancista nem a sêca certidão de óbito lhes passa, pois não declara de que morrem: «*colheu-a o sôpro da morte*» — diz da pequena Beatriz, nos «Fidalgos»; e «*veio a doença e a morte da esposa*» (que o «fidalgo» da «*casa mourisca*» é viúvo como quási tôdas as personagens adultas do terno escritor, — o que dá um tom quebrado, melancólico, às figuras jovens da sua galeria de artista... minado pela doença).

E nada mais. O «Herbanário» da «Morgadinha», que parecia forçado, pela sua qualidade, a ser-nos *cicerone* no caminho desejado, apenas numa ou duas páginas cita passos da *Polianteia* de Curvo Semedo, — trechos de livros! Do povo directamente, nada. Aparece um *barbeiro* no recanto duma página <sup>(1)</sup> a falar de achaques ao estilo daqui.

<sup>(1)</sup> *Pupilas*, pág. 76.

Porém, baldado por aí o nosso empenho, mal assentáramos em tomar o caminho mais simples, — seguir a divisão do corpo, como o povo a faz, em «cabeça, cara, pescoço, corpo (= tronco), braços e pernas», e, pegando-lhe «de uma banda a oito», ir perguntando pelos lugares: «¿Como chamam vossemecês a isto? e àquilo? e àquel'outro? ¿nunca padeceram aqui nenhum *mal*, nem conhecem quem padecesse? ¿Como se chama êsse achaque? ¿o que é que o *gêrou*, de que é que *rescenderia*? e como se cura?» — e assim por diante, — mal assentáramos e encetáramos êsse caminho, apareceram-nos duas ajudas, que se nos impõe confessar:

1.º) Uma pessoa de família, dedicando-se um pouco à busca e notação filológica e etnográfica de modismos regionais, em que por vezes aparecem expressões de mazelas, mênzinas e superstições, alguns dados nos forneceu, de que lançamos mão.

2.º) Sobretudo o distinto clínico sr. dr. José Amorim, da casa da Quintã, da vizinha freguesia de Mozelos (Feira), prestou-nos um paciente e valiosíssimo auxílio, com sua experiência no lidar com êste povo (entre o qual nasceu e por quem é justissimamente estremecido), dado o seu espírito observador e o carinho com que ouve os doentes e por êles se interessa. Foi o sr. dr. José Amorim quem nos indicou a destriça a tentar entre os nomes, por assim dizer, *clássico-populares*, e outra paralela nomenclatura, ou *pueril* (como na classificação dos dedos em *men-dinho*, *parceirinho*, *pai-de-todos*, *fura-bólos* e *mata-piolhos*) ou *pica-resca* e *irónica*, ou que *foi irónica* (como a que chama *oucas* às pernas, *presunhos* às mãos, *galfarros*, *gatásios* e *arpeus* aos dedos, etc.). Assim, o *primeiro termo popular* que pomos a qualquer parte do corpo, quando haja mais de um, é o mais usado localmente como *clássico* ou da *linguagem sisuda*, — permita-se-nos dizer assim.

Hesitamos sôbre se devíamos limitar-nos a dar aqui só êstes nomes, ou se deveríamos pôr os paralelamente usados, alguns

fugindo para o calão. Pareceu-nos melhor pôr quasi tudo, relegando todavia o que o povo chama «palavrões», os a que se alia sentido obsceno. Por vezes irão em notas.

Fês-nos observar o sr. dr. Amorim que o povo arranja a nomear muito discriminadamente a qualquer parte do corpo por uma qualquer palavra ou rodeio. E a explicação está, cremos, na costumeira de o doente de consultório, acabado o rosário de seus males, derivar à descrição dos padecimentos dos que estão em casa, pais, filhos, irmãos, vizinhos, às vezes os mortos, e até irracionais: e para isto teem, não de apontar «*é aqui que doe*», mas de *descrever* e *nomear* a parte dorida — ausente. Já Júlio Denis nas «Pupilas», traz disto uma verídica página (1), que parece escrita aqui.

Além disso, quando apresentávamos a linguagem e abusões observadas principalmente nesta freguesia e na de Grijó, o sr. dr. José Amorim, que exerce clínica em muitas freguesias em redondo e que, para mais, é médico do «Hospital de Oleiros», freguesia também limítrofe, — não só completava, com o resultado de suas observações, o que íamos averiguando, mas também salientava algumas diferenças de uns pontos para outros: assim, no Hospital de Oleiros, viu que algumas doentes mandavam pedir pela enfermeira «*se o sr. dr., ao menos por um bocadinho, as deixava abaliar*». *Abaliar* era desabafar em gritos, estar em queixadouro, — assim se diz para leste dos altos em que passa a estrada nacional Lisboa-Pôrto, dividindo a bacia do mar da da serra; os doentes das terras a poente daqueles altos, êsses pedem para «*barregar*»!...

(1) *Pupilas*, pág. 78.

\*

\* \*

Aos poucos marcamos, nos escritos regionalistas de Aquilino Ribeiro, cópia de expressões populares, das que procuramos na nossa região, porque—já atrás o acentuamos—nos ferira a grande semelhança entre as dos povos de Moimenta e redondezas e as daqui. Especialmente esmiuçamos os quatro contos finais do *Jardim das Tormentas*, fortemente serranos; «*O último fauno*» das *Filhas de Babilónia*; a «*grande dona*» e o «*Malhadinhas*» da *Estrada de S. Tiago*; dizeres de uma que outra página da *Via sinuosa*, e todo o livro *Terras do demo*, em que «*o lexicon do escritor—como êle prefacia—é o dos serranos; as vozes ouviu-lhas êle; querendo até que esse livro se embrulhasse num pedaço da serguilha em que êles se embrulham*»; e, corroborando a afirmação do livro está, viva e eloqüente, a sua flagrante semelhança com o falar dêste povo entre que moramos.

Era intuito nosso fazer, com certa ordenação, o cotejo entre as abundantes expressões serranas, assim obtidas, e as daqui. Porém, para tanto falece-nos tempo.

\*

\* \*

Finalizando estas aclarações, sejam derradeiras palavras as de homenagem ao nosso precioso auxiliar sr. dr. José Amorim, cujo merecimento é grande e a modéstia inverosímil. Além de familiarizado com as usuais doenças e suas modalidades nesta região, é um médico-parteiro procurado a tôda a hora. Se lhe tocam na perícia com que costuma haver-se, quási se apaga e encolhe de modesto, e diz que, «*como tanto trabalha com a mão*

*direita como com a esquerda, daí certa facilidade*»—em que, pelo seu dizer, não há mérito! Diversamente da figura de João Semana, que Júlio Denis pinta como ostentando aparências, só «*aparências de homem endurecido*»<sup>(1)</sup>, o dr. José Amorim, «*da Quintã*», com a ternura de João Semana, é a afabilidade constante, a boa sombra,—sempre alívio na casa do doente. Sem carecer trabalhar, e não sendo um forte, êle lá anda a desoras da noite, tomados os dias pela afluência ao consultório,—e mesmo através de temporais defeitos, encapuchado e embrulhado em oleado, de cima do grande «*animal*», o moço com o lampião a alumiar, é muita vez meia-noite, e passante, e êle pelas carreiras e atalhos, a acudir a doentes! Para nós, seria vileza não aproveitar a oportunidade de dizer que se nos gravou para sempre, associada à eterna lembrança dolorida dos últimos dias que nossa Mãe viveu, a lembrança da solicitude e piedade com que muita vez, meada a noite tormentosa, êle lá vinha escorrendo e cansado para trazer lenitivo e conforto à tuberculosa que penou 6 anos, depois que melhorara no Sanatório da Guarda. Numa época em que se faz justiça não só aos grandes, às celebridades das cidades, mas em que, no norte, já foram homenageados, pelo menos, dois médicos rurais; numa época em que, concordemente, se celebrou na Batalha o «*soldado desconhecido*», não será alcunhada de impertinência esta modesta homenagem a um homem modesto.

Nogueira da Regedoura — 1923.

(1) *Pupilas*, pág. 94.

## Pé e perna; mão e braços <sup>(1)</sup>

No pé há, inferiormente, as *solas*, *planta* ou *palmilhas* (e também *cascos*; diz-se: «Fulano não agüenta caminhadas, que é mole dos cascos»); diz-se: «Desde as palmilhas dos pés ao corucho da cabeça...»; atrás há o *calcanhar*, que às vezes é *gretado*; há a *galga* do pé, a meio; e mais à frente há a *polpa* do pé. Quando a galga assenta no chão, o pé é *raso*, o que isenta de ir para soldado, pela dificuldade de caminharem calçados os de pé raso. Na parte superior há o *peito-do-pé*.

Do muito caminhar fica-se com o «*pé aberto*» <sup>(2)</sup> (ou *espalhado*); «é preciso *cosê-lo*»; e faz-se borcando um púcaro de água a ferver num alguidar, e sôbre o fundo do púcaro, assim borcado, pousa-se o pé, que recebe o calor e vapor da água, enquanto a mênzineira, com um novelo e agulha, faz menção de cosê-lo, dizendo: «¿Eu que côso? — Carne quebrada, fio destôrço»; e «dizendo-se estas palavras, a água entra outra vez para dentro do púcaro, sinal de que o pé vai sarar».

Os dedos do pé são: o *grande*, *chegado* (ou *pegado*) *ao grande*, *o do meio*, *chegado ao pequeno*, e *pequeno*. Diferença na nomenclatura dos dedos do pé e da mão, é que nesta há o *mendinho*, e no pé o correspondente é o *pequeno*.

(1) Na explicação prévia, a págs. 94, já se disse a divisão popular do corpo em «cabeça, cara, pescoço, corpo (=tronco), pernas e braços». Um pouco mais para o sul, alturas de Coimbra, chamam à vagina «*bôca do corpo*», o que se torna inteligível sabendo-se a que é que chamam «corpo».

(2) Também se anda «*aberto*» do peito, costas, mão, pulsos, braços e «do corpo todo».

Nos dedos há a *raiz* do dedo (=ponto de inserção, como raiz é o ponto de inserção da língua, da coxa, do pénis, do nariz, — ¿de tudo o que é *apêndice*? ¿de tudo o que é *apêndice mais ou menos móvel*?...), há, dizíamos, a raiz do dedo, o *meio* e a *cabeça* do dedo; há ainda a unha e o sabugo: «não se deve arrentear tanto as unhas, que se chegue ao sabugo» (=figurado: «não se seja exageradamente marralheiro»). As articulações chamam-se «*as nossas dos dedos*».

*Esmouca-se* o dedo do pé dando uma topada (= *esmarroadela* ou *esmoucadela*). E «*estruminga-se*» de um pé ou «o pé *estruminga*» (=sofre entorse, *estrumingadela*).

Nas pernas <sup>(1)</sup> há, anteriormente, o *osso da coxa*, o *joelho* e as *canelas* (ou *tôcos* ou *côtos*, se considerados sem o pé); e, posteriormente, a *perna-gorda*, a *cova-do-joelho* e a *barriga da perna*, ou simplesmente «*as barrigas*». Em baixo, lateralmente, estão os *tornozelos*. Em cima é a *raiz da coxa* (=ponto de inserção) e a *virilha* ou *v'rilha*. Contraposta à coxa há, do joelho para baixo, a perna pròpriamente dita... O arroz que se come «vai todo para a barriga das pernas», pelo que «é fraca comida...». (Note-se que *canas*, *côtos*, *tôcos* também são dos braços).

Os *ossos*, sobretudo das pernas, bacia e costas, e ainda as *juntas*, considerados como ponto de firmeza, chamam-se *nembros*: «F. não tem nembros», isto é, não tem firmeza, não se segura, não pode «formar direito».

Os pés, as pernas <sup>(2)</sup> *esquecem*, *adormecem* ou *adormentam*, dá-lhes a *breca*. Então anda-se sôbre o pé livre (o acordado), ao «*chinquelipé*», e vai-se dizendo: «Desadormenta-te, pé, que está o

(1) Em calão «as gâmbias» e «as oucas». (F. está *espernegado* com as oucas para o ar).

(2) Bem como os braços.

lobo atrás da sé, e há-te querer comer, e não hás de poder correr». Nos pés e pernas dão «*cambras*».

Em pés e mãos aparecem *cravos* (=verrugas), — e «é de contar as estrélas». Para desaparecerem, toma-se uma mancheia de sal e, na hora solene e religiosa em que numa casa esteja aceso o forno do pão, entra-se inesperadamente sem pedir licença nem *salvar* com o ritual que um forno aceso impõe<sup>(1)</sup>, deita-se o sal no fôrno e sai-se porta fora.

O *branco* das unhas, se é na mão direita, é »sinal de felicidades»; na esquerda, de «infelicidades».

Há os *cambados* das pernas; há pessoas «que metem para dentro», há-os «que metem para fora» (subentende-se *os pés, os joelhos*); há-os «que *zarellham das pernas*» ou «*entaramelam as pernas*» (=embarram com uma noutra, não as jogando com firmeza e ritmo)<sup>(2)</sup>.

Nas pernas são vulgares as «*veias-quebradas, varizes, fôrças*, que veem (e tôdas as roturas em qualquer parte do corpo) da fôrça que se faz puxando a grandes pêsos», ou de qualquer esforço, — e veem ainda «de um simples espirro ou tossidela»; e «nas mulheres mães-de-filhos, dos puxos para parir»; nos recém-nascidos, «*da fôrça que fizeram para nascer*»; e, para todos, «das passadas-falsas (=em chão inesperadamente desnivelado) ou «passadas em falso, por se andar no escuro, ou de cabeça no ar».

Aqui, o *rendido* liga-se, cinta-se. As práticas de passar o menino rendido pelo vime rachado, ou pelo olmo, ou pelo cerquinho ou carvalhiço, com três Marias e três Joões virgens, como

(1) E é: «*Louvado seja N. S. Jesu-Cristo, benza cá Deus tudo!*»; e de dentro responde-se: «*Benza-te Deus também*».

(2) Também «*se entaramela a língua*» nos em que «embarrrou raminho de estupôr».

relata minuciosamente o dr. Cláudio Basto, do Minho, na monografia *Quebradura*, e como o contista beirão Aquilino Ribeiro alude no conto regionalista *A grande dona*<sup>(1)</sup>, essas práticas não as rastejamos por aqui; nem leve reminiscência de tal acusam as pessoas idosas.

Também «*no gôrdo*» das pernas há «*verdugos*» (bem como no gôrdo dos braços e das bochechas, isto é, nádegas), os quais parecem «*marcas de grandes beliscões*», e chamam-se «*nêgras*» quando se lhes acentua a côr que esta designação indica.

Nas mãos<sup>(2)</sup> há os dedos (ou «*galfarros*» ou, se teem «*prêsa*», «*os gatásios*», «*os arpeus*»)<sup>(3)</sup>.

Ficou dita a divisão popular das partes do dedo quando se tratou do pé (a págs. 99). Dêles, na linguagem *sisuda*, o polegar é o *grande*, depois o *pegado* ou *chegado ao grande, do meio, pegado ao mendinho e mendinho*; na linguagem *pueril* são: o *mendinho, parceirinho, pai-de-todos, fura-bôlos e mata-piôlhos*. (*Unhas, sabugo e nossas*, como para os dedos do pé).

Opostas à *palma* ficam as *costas-da-mão*. Também se especia-

(1) Cláudio Basto, *Quebradura*, «*Medicina Popular*», 2.<sup>a</sup> ed., Pôrto, 1916, pág. 6 e seguintes. Tem o dr. Cláudio Basto, além do citado, os opúsculos *Bexigas, Espinhela catda e Determinismo e previsão do sexo*, separata dum livro em preparação *Medicina Popular*. Vide também Aquilino Ribeiro, *Estrada de S. Tiago*, pág. 271. Aillaud, 1922.

(2) Em calão de aldeia «*presunhos*» e, se são grandes, «*manópulas*» e «*manóplas*». A várias partes do corpo humano se dão nomes buscados nas partes de outros animais, sobretudo do porco, cuja anatomia é melhor e mais geralmente conhecida... de vista; a tal ponto que corre este rião: «*se queres conhecer o teu corpo, mata o teu porco*».

(3) Ainda aos dedos, em calão e olhando-os como instrumento surripante e como carimbo de uma boa bofetada, se chama «*os mandamentos, os 5 mandamentos*», «*F. passou àquilo tudo os 5 mandamentos, e pintou-lhe na lata ou na figura os 5 mandamentos*». Em serras da Beira (Aquilino Ribeiro, *Terras do demo*, pág. 86), também se chama aos dedos «*os lapuzes*».

liza a «*cova-da-mão*», semi-fechada <sup>(1)</sup>; e em serras da Beira parece que «se assenta a navalha na *sola* das mãos» <sup>(2)</sup>.

Ter «unhas nas palmas da mão» é «ser larápio».

Já atrás se notou que também há pulso *aberto*, *espalmado* ou *despalmado* (nota 2 de pág. 98).

Nas mãos com *calos*, para poderem continuar o serviço, sobretudo se são «*calos de sangue*», urina-se-lhes, e esfregam-se e batem-se bem uma na outra».

A mão esquerda é a «*canhota*»; quem «se ajuda mais com ela do que com a direita, é *canhoto* ou *esquerdo*».

«Pulso ou punho de *uma cana só*» é o do valentão.

De mãos e dedos diz-se que estão *engorinhados* ou *engrunhados* com frio.

Os antebraços <sup>(3)</sup> são os *côtos* ou *tocos* ou *canas*; do cotovelo para cima é o «osso do braço» (=húmero).

O decepado da mão é um indivíduo *côto*, só tem o *côto* ou os *côtos*. Perante prodígio que se encare como sobrenatural diz-se: «*quem não tiver mãos, erga os côtos!*»

Nos dedos aparece às vezes o «*panariz*», e aparecem as «*dadas*» (estas também por outras partes, sobretudo pelos peitos das mulheres; e a formação da palavra é como da «*nascida*»: —uma «*cousa que deu, uma coisa que nasceu*»).

Em braços e pernas há a considerar as *curvas*, *juntas*, *jogadours* ou *jogas*; nos braços, o *sangradouro*.

A largura que faz a mão, com os dedos esticados e abertos, é a «*chave da mão*» (=a área da mão aberta).

(1) Aquilino Ribeiro, *Terras do demo*, pág. 154.

(2) *Ibid.*, pág. 111.

(3) Para o povo «braço» é o todo, desde o «arco do pescoço» e espádua até à mão; o cotovêlo é como um marco *a meio do braço*, e serve para se dizer: «o braço do cotovêlo p'ra cima ou p'ra baixo».

## II

## Corpo (=TRONCO)

Da *cinta* abaixo é «o entre-pernas» ou «a galhada», onde são «perigosas as pancadas e aleijadelas». No homem estão lá «os grãos» e a sua «*bolsa*». Mancebo que «só tem um grão» é «*rancólho*», e «ao menos tem de bom que *se livra das correias*»; mas não divulga a anomalia, tida como humilhante inferioridade sob o ponto-de-vista másculo. (Anomalias no corpo são reputadas sinal de grandes qualidades ou destinos, donde o dizer-se: «*Deus que te assinalou, alguma coisa te achou*» <sup>(1)</sup>).

Se um homem topa pela frente quem «*é mais homem que ele*» (quanto a valentia) ou «*quem é fôrma do seu pé*», diz-se que o mais forte «*meteu ao outro o grão na v'rilha*».

Diz-se que um indivíduo é «*inteiro*» para significar *assomadiço* — como os cavalos não capados.

Além dos grãos estão na galhada o resto das «partes vergonhosas» ou simplesmente «as partes» — (e esta designação genérica também se aplica aos órgãos genitais da mulher): ao monte-de-Vénus chama-se «o pentelho» (que os *brasileiros*, com pruridos de «mais civilizados», dizem «*pente*»); ao pénis as pessoas envergonhadas chamam «o traste», «a coisa»; e os que conseguem pôr-se à vontade dizem a «*pir.<sup>ca</sup>*», que é o termo aqui *clássico*.

(1) Não é só do vulgo esta crença. Nos escritores aparecem, de velhos tempos, referências e aquiescências iguais. Exemplo: Fr. Luís de Souza, na *Vida de D. Fr. Bartolameu*, págs. 15 e 16 (ed. de 1842, 1.º vol.), diz do biógrafo: «*Naceo este menino com hum notavel sinal, bem illustre pronóstico do que avia de ser delle ao diante... nas costas dela (mão)... impressa hũa cruz, florida*», etc... e «*Muitas vezes acontece honrar Deus com sinais antecipados*», etc. Do rei Sérvio Túlio se escreveram prodígios maiores de quando êle era criança, etc.



-popular; porém a criança *ainda não tem isso*, mas simplesmente « a pila » (1). Também com referência ao homem se diz « a natureza »: « De tanto frio, anda-se com a natureza nas encôlhas ». Outras acepções populares teem esta palavra « natureza » em cousas do corpo, como se irá vendo.

« Apessoado é o que tem grande pénis. Êste divide-se em *raiz, meio e cabeça*: também há « os freios ».

O povo pela designação « a passarinha » refere-se vagamente, segundo o anatómico brasileiro Silva Santos, ao pâncreas, quando diz que um grande susto, um grande e inesperado estrondo « faz dar *alanco* (ou *alancão*) à *passarinha* », ou « tremer a passarinha ». A pág. 157 da *Via sinuosa*, de Aquilino Ribeiro, vem uma passagem demonstrativa de que na Beira, Moimenta, se usa a aludida expressão, mas com latitude maior, parecendo referir-se à « saúde », à « vida »: « ai! êste homem (sarna e peguilhento) derranca-me a passarinha ».

Doenças *vergonhosas* — gálico, venéreo — são « *males* » ou « doenças de mulheres »: « F. teve *males* em novo; o que lhe vale é purgar por um *sedêlho* que tem no braço (ou perna); quando aquilo secca, morre ». — E é muito vulgar a crença de que secca-se qualquer ulceração crónica, ou cessarem inveterados vícios (fumo, rapé, etc.) é infalível sinal de morte.

A ideia, vaga aliás, da sífilis, propriamente, traduzem-na por frases destas: « F. está *podrinho* de todo; apanhou tamanha *carga* que lhe caíram as *campainhas*, *combaniram-se* os dentes, e até os ossos tem roídos ».

(1) Pondo de parte os « palavrões » aliás generalizados a todo o País, o povo, referindo-se a meninos, diz também « a rata, a tringalha, a carriça »; e, referindo-se a meninas pequenas, « o pisco » e « o passarinho ». Dos homens, por analogia com outros animais, diz: « a serventia »; e, de todos, « o que Deus lhe deu ».

Se alguém, ferido, sara facilmente, « é de bom sangue, de boa carnadura, limpo *de nação*, não lhe vem *males de trás*, dos seus antigos ».

Casado que não tem filhos « não é de casta ou de raça ». Há as expressões « *raçar, atravessar, machear, cobrir, padrear* ».

« Estar na cama com mulher, e ter de saltar de repente e molhar os pés, produz corrimento ». Esta crendice, muito vulgar, é *interessada*, por dar explicação inocente a actos que, sem ela, arrastariam precalços à paz familiar (semelhantemente *interessadas* são outras crenças: a de que « o *mata-bicho* (água-ardente) compõe o estômago e *corta o ácido* ou o *amargor* ou o *travo* »; a de que « o rapé até é receitado para aliviar os humores dos olhos »; a de que, a outros, « de estômago húmido », é receitado o cigarro para *enxugar* . . . »).

Horrível preconceito, tenazmente espalhado por aqui: « Se o que traz venéreo tiver relações sexuais com pessoa virgem, passa-lhe o mal, e fica êle curado ». O distinto clínico sr. dr. José Amorim tem encontrado casos de desfloramento de creaturinhas repugnantes, casos *unicamente explicáveis* por tal crença.

Diz-se: « F.<sup>na</sup> já tem a sua regra » (= é púbere).

Da mulher arreitada diz-se que « anda saída como as porcas ».

Nas partes vergonhosas da mulher designam-se em especial *beças* (grandes lábios), *feitios* (pequenos lábios (1) e clitoris), *fechos* (= fúrcula), *canal da bexiga*, *madré*. Também há a designação genérica de « *via de diante* », por oposição a « *via de trás* ».

Da mulher que fica grávida diz-se que « *alcançou* » ou « *gêrou* » (a criança anda na *gêra*). Um dos sinais de ter alcançado é o *pano* na cara: « À F.<sup>na</sup>, na primeira barriga, (= primeira vez que alcançou) veio-lhe muito pano à cara, e nunca mais varreu ou limpou ».

(1) Aos pequenos lábios chama o povo « *folhinhas* ».

Perto do quarto onde a grávida dorme, não haja «flores ou ervas de cheiro, porque a criança sae sarapintada da pele».

Se a grávida sente *desejos*, e não consegue satisfazê-los, pode «ougar da madre» e «deitar a barriga» (=ter abôrto); pelo que «é muito pecado não dar à grávida o que *lhe pede* a criança, o anjinho do Senhor». À *desejosa* esmola-se piedosamente, «porque não é para ela, é para o que Deus *lhe deu*». Há a prática de se fazer uma ração maior de comida à grávida, abrangendo «a parte dela e a parte do anjinho». Comendo ela o que os *desejos pediram*, «mal engole o bocado, sente pular-lhe a criança no ventre, a vir buscá-lo acima». É crença geral que o feto se alimenta tomando directamente por sua bôca os alimentos que a mãe ingere...

Diz-se: «Fulana tanto arrancou, que *gomitou* (=vomitou) a madre».

Há os *galhos da madre* «que veem acima à garganta a atafegar a padecente». (À pessoa que está arrancando tão demoradamente que incomode quem ouve, diz-se em ar achorrecido: «Credo! Gomita o pôrro!» e, para demonstrar um mixto de enfado, espanto e discordância ao ouvir *despropósitos*, diz-se: «Sume-te! alho pôrro!»—e a nenhuma pessoa, mesmo idosa, ouvimos a explicação do «pôrro») (1).

Quando há parto sem feto dizem: «Fulana teve um *bicho*, uma *cousa ruim*: é um *espelho*». É causa de humilhações, tida por «castigo».

Há crianças «sem tempo».

Para exprimir gravidez adiantada diz-se: «Mulher com a barriga à bôca»; ou «no resto do tempo», ou «que está para vir à

(1) Na Beira, e parece que mais raramente aqui, diz-se de um objecto ou espectáculo enjoativo: «Faz deitar a cama das tripas». Conf. Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, pág. 156.

cama»: (*Cái-se de cama*, de qualquer mal; mas «vir à cama» é ter o parto).

Quando «no resto do tempo» a mulher aparece «opada da cara, olhos *papudos*, as pernas como cêpos, inchada como uma pipa», é que «traz dois dum ventre» ou «a sua hora não promete ser boa».

No folheto do dr. Cláudio Basto, *Determinismo e previsão do sexo*, muitas alusões veem referidas,—e nenhuma nova aqui encontramos. A mais vulgar nestes sítios é a de que «se a criança mexer muito na barriga da mãe, é rapaz; se estiver *acomodada*, é rapariga». (É a registada no aludido opúsculo com o n.º 8, a pág. 3).

Há a crença de que se faz abortar por meio de escalda-pés, ou ingerindo qualquer remédio, de preferência flor de goivo amarelo, ou de cravo amarelo (1).

Quando enfim a mulher «está com as dores», põe-se a panela ao lume «para a água de galinha».

«Antes *das últimas*», para ajudar a puxar, uma pessoa, de pé, «fazendo firmeza»; verga o pescoço retesado, nêle se suspendendo a parturiente.

Às vezes a criança, apesar-de «a mãe sentir puxos e *lhe terem rebentado as águas*, fica-se muito tempo *lá para cima*, sem vir para o *nascidouro*» (=estreito inferior).

Se veio a criança, mas «fica dentro *a livração* (=secundinas), a parturiente—em cuja cabeça se põe o chapéu do homem, pendurando-se na cama umas calças do mesmo, diz: «Santa Margarida! estou aliviada, mas não estou parida!» ou «nem estou prenhã nem parida!»—e bufa a uma garrafa.

(1) Na Beira recorre-se a «*riço* de carvalhas» em bebida. Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, pág. 104).

A «*livração* não se enterra: põe-se em sítio em que algum animal a leve, — e leve o enguiço!» Ao pequeno sempre inquieto diz-se: «os ratos roeram-te a *envide*; tua mãe esqueceu-se de a queimar no lume!» (1).

O «parto pode subir à cabeça» (qualquer febre).

Nos primeiros banhos ao recém-nascido, quem o banha dá-lhe, na concha da mão, água da que o lavou, — água de c. lavado, que faz muito bem».

O «*fagarro*» são as primeiras fezes da criança «sôbelo verde» (mecónio) e que custam a expelir: daí a expressão figurada «hás de largar o *fagarro*!» quando se aperreia (=troça) alguém compelido a cousa custosa. Na Extremadura, Costa de Caparica, em vez de *fagarro* diz-se «ferrado», segundo o dr. Cláudio Basto, — e aplicam-no como mênzina nas quebraduras (2).

Na freguesia de Lobão (Feira), quando o recém-nascido está em perigo por não expelir o mecónio (o *fagarro*), «*talha-se-lhe o bicho-ferrão*».

Corre por aqui a expressão: «aquele nasceu dentro dum fole» (=sem se romper o saco amniótico) indicando admiração pela felicidade desde o berço. Também em falas de Mogadouro se faz referência ao «m'nino do fol', que quer falar e não pode»; mas é referência a outra cousa: ao que não pode falar agasalham-no muito, metendo-o de preferência num fole, — para o curar, — e vão com êle, assim, pedir por portas; mas quem dá esmola não indaga a quem dá, não olha (3). Esta prática também se usa nestes sítios.

Muita vez a criança «corta-se» (=intertrigo): «deitam-se-lhe pós de goma».

(1) Na Beira diz-se: «a *envime*». Aquilino Ribeiro, *Via sinuosa*, pág. 29.

(2) Dr. Cláudio Basto, *A quebradura*, pág. 29.

(3) Trindade Coelho, *Meus amores*, ed. Aillaud, 1901, pág. 249.

A uma criança no berço não se chega a gente pelo lado da cabeça, «porque fá-la *trocar a vista*».

Também uma criança «nunca se *enguiça*, que a torna *anai-nha*». «Enguiçar» é salvar a criança de escanchar-perna, passar sôbre e ao través do seu corpo. A fórmula é: «eu t'enguiço, meu derriço, para que não cresças mais do que isso».

Quando adultos vêem semelhante *perigo*, fazem que quem a enguiçou a *desenguiçe*, isto é, a avance em sentido contrário: fica desfeito o malefício. Se a criança está «*mortal*» e «não pega nas *chuchas* da mãe, é preciso procurar criança que mame bem, para *apoiar* o leite». Muito espalhado é o conceito da «manha que teem as cóbras de, ao cheiro do leite, buscarem a criança no berço e meterem-se-lhe pela bôca a beberem o leite que teem no estômago; e de irem, *sem se sentir*, para a cama de mães que durmam com crianças de leite: durante o sono das duas, mamam na mãe e metem o rabo na bôca da criança, para ela ir *chuchando enganada*» (4). Não fazem implicância os dentes da cobra, porque... «a cobra não tem dentes; *espetta com o ferrão*, que a cada passo lhe vêm encolher e estender, *comprido como a vista*» (é como chamam à língua).

Mãe que amamenta seu filho, «nunca bebe água nem vinho, nem deixa *erguer-a-Deus* na missa sem, no momento, tirar a criança do peito»; aliás «a criança vem a ter ataques de *gôta*» (=epilepsia). Se acaso o fez, há um remédio, a saber:

1.º Se bebeu água, sem, no instante, tirar do peito a criança, tem de «levá-la a mamar no peito de *duas mulheres*» que amamentem filhos, «*mas sendo as duas, uma mãe de outra*»;

(4) Criança de leite que «vá mingando, mirrada e *estalida*» faz logo aventar que seja mais um caso destes — «*tão acostumados!*» Ver... parece que ninguém viu; «mas, também, as *bichas* — «olha quem, as grandes *malhadas!* — não chamam ninguém p'ra testemunha!»

como não é muito trivial a coincidência, fazem-se viagens até muito longe.

2.º) Mas muito mais difícil é no caso de a mãe haver bebido vinho nas *terríveis* circunstâncias atrás ditas: então «é preciso levar a criança a mamar em mãe e filha, ambas com leite, *mas pretas*». Perto daqui, no Corvo (concelho de Gaia) — verificou-o o sr. dr. José Amorim — houve duas pretas, há anos, nas *preciosas* condições, isto é, aleitavam filhos, uma e outra ao mesmo tempo, — e de muito longe se acorria ao Corvo, para casos destes.

Não se pode deixar cair uma gota de leite no lume, — «porque isso fá-lo secar».

Quando duas mães amamentam filhos, e estão uma junto da outra, não podem beber as duas em sociedade, da mesma vasilha, sem meterem previamente uma terceira pessoa no meio, a qual bebe no intervalo das duas mães; se assim o não fizerem, «a segunda a beber — *bebe o leite à primeira*», ficando aquela com muito leite, e esta, isto é, a primeira, sem êle.

Maiorzinhas já, «as crianças lambareiras de doçuras são as mais *caríveis* (= atreitas) a *bichas* (= lombrigas), porque o açúcar faz *criar bichas*» (1). É geral o uso de as *talhar*; porém em Nogueira da Regedoura prevalece uma prática que o observador clínico sr. dr. José Amorim não encontra nas outras povoações em roda: é que «*cortam as cabeças às bichas nas costas da criança, com uma navalha de barba*». Processo: «Nas costas espalha-se *parrumeira* (= fuligem) da padieira do forno; mistura-se-lhe azeite; esfrega-se; e deixa-se secar»; os cabelinhos das costas da criança,

(1) Todavia na vizinha Grijó a falecida irmã dum antigo médico, dr. Dias, preconizava e popularizava, nos lugares próximos à sua casa, este remédio: «açúcar mascavado quanto a criança possa comer; por cima, água de boa fonte quanto a criança queira beber, que o muito açúcar faz segura». E diz-se que era eficaz o remédio.

primeiro empastados e acamados com a *parrumeira* e azeite, começam, em secando, a erguer-se: «*sam as cabeças das bichas!*» E, «com uma *barbeira*, rapam-se as costas, e lá ficam cortadas as cabeças das grandes bêbedas». No Minho, margens do rio Âncora, há a mesma prática, como no-lo descreveu o sr. Jacinto José Alves, dali natural.

Para que «as *bichas* não subam à cabeça, com riscos de *atafegar* (= asfixiar) a criança, põe-se *estrugido* (1) de azeite-e-alho nas fontes e moleira». Também se põe «debaixo da travesseira um ramo de hortelã-das-bichas».

Crê-se que «as *bichas* atacam mais bravas em certos *luados*, em certas *voltas da lua*».

Há crianças que «teem mesmo *doairo* (= *fácies*) de *bichas*».

Logo nos primeiros tempos «*enxertam-se* as *bexigas*» e «*pegam* melhor uns *enxertos* que outros». É usual buscar-se o *enxerto* de umas para outras crianças, a menos que só apareçam *enxertados* filhos de «gente com moléstias à vista», que nesses casos há o receio de «se apegar».

Quando a criança começa a querer *palrar* e se lhe nota dificuldade, «*leva-se a cortar a trava*» (2).

Nos primeiros tempos «a criança olha mas *não declina, não aparta*».

Quási infalíveis nas crianças — as *dôres-de-barriga*, — mas barriga chama também o povo ao estômago: — Unta-se o umbigo com azeite e alho, *estrugidos* (que já vimos aplicado nas fontes contra as *bichas*); mete-se a criança ao *cêsto* (= berço) e embana-se (embala-se) com violência, empinando-se muito o *cêsto*, ora a um lado, ora a outro, vascolejando o corpo do padecente.

(1) Azeite frígido com alho.

(2) Cremos que deve ser «trava», posto que o povo pronuncia «trave»; o mesmo povo diz: «língua *destravada*».

Também é raro falhar o *serampo* e *serampelho*, — em que se usa, com grande agasalho « para o mal sair cá fora » e « não ficar recolhido », a luz vermelha, bem como nas bexigas, quer *bravas*, quer *loucas*, — para que « as *marcas* (= cicatrizes) não fiquem grandes ». As baetas que as Mães compram para envolver as crianças são de *côr vermelha*.

A *esgana* trata-se levando a criança « para o *ar dos pinheiros*, e fazendo-a cheirar resina ». Criança que com a *esgana* « *estrepasse* e perca o fôl'go » (nos acessos da tosse) « liga-se, cinta-se — para não render ».

Ao caírem os *dentes do leite* (quando a criança « anda na *muda* »), deitam-se « êstes na fornalha (= lugar atrás da lareira, para o qual se vai arrumando a cinza), e, para que nasça outro, diz-se: « dente fora, outro na *cova* ».

Se os dentes veem sobrepostos, são « dentes *acavalados* » (1).

Meter sustos à criança « fá-la ficar gaga ou *tata* ».

Comer ou beber diante de criança sem a « *desougar* » é tão crua desumanidade, que mesmo o inimigo dos pais não deixa de lhe dar o « *desougo* ». Ao *ougado*, cuja *fácies* (2) é a « magreza, amarelidão, olhos grandes e *desconsolados* e, sobretudo, o cabelo *estacado* » (= que não acama), faz-se no borrarho o *bôlo-d'ougado*, a saber: um pequeno bôlo de farinha milha em cuja face se imprimem 5 covas, nas quais, cozida a massa, se lança um pouco de azeite. O *ougado* senta-se dentro duma rasa, atrás da porta de casa, e aí o come, deixando um resto, que é posto fora de portas ».

(1) Se os dentes são ralos, isto é, com intervalos grandes de um para outro, « é sinal de ser-se mentiroso »; os intervalos são « para passarem as mentiras ». Se são grandes, são « *tachas* ou *tachotas* »; se pequenos, « dentes-de-ratinho ».

(2) A palavra « *doairo* », como se aplica nestes sítios, é rigorosamente a « *fácies* ».

para que algum animal o aproveite; a *crístãos* não se dá! » Ou então fazem-se 7 bolinhos, com as competentes 5 covas em cada um, para o azeite; o *ougado* come, o máximo, 6; — « o 7.º é para o gato ».

« Ougamento em meninos é muito mais perigoso que em meninas, porque àqueles pode-lhes fazer cair o *madrigão* ». O *madrigão* (1), correspondendo no homem (para o povo) à madre das mulheres, é suposto órgão que deveríamos, antes, ter incluído nas « partes vergonhosas » pela localização que o vulgo aldeão lhe atribue — a próstata, e porque não ousa referir-se-lhe sem embaraço: (à mulher do povo de quem colhemos, primeiro, a nota do *perigo* de ougamento em meninos pela queda provável do *madrigão*, custou-lhe a declarar a palavra, e, como perguntássemos o que era, *côrou*, ficou cabisbaixa e disse « que não sabia », isto é, não era cousa para mulheres dizerem. Foi o sr. dr. José Amorim quem tudo aclarou (1). Também a pessoas adultas, e sobretudo às idosas, sem largas para comerem o que lhes apetece na 2.ª *meninice*, acontece cair o *madrigão* ou cair o *ventre* (que diz o mesmo). É quando essas pessoas velhas cubicaram alguma cousa de comer ou beber, e, não a alcançando, se *desconsolam*. « Endireita-se-lhes o *madrigão* » ou « o ventre » com um emplastro. Não é o mesmo que endireitar a espinhela.

Quando a criança anda triste, « com *morrinha* », e não se queixa, por não saber ou « ser encolhida e sem desembaraço », logo se desconfia que pessoa inimiga e « de má condição » lhe deitou « *olhado* » ou « *mau olhado* », ou « *má olhadura* » ou « *quebranto* », ou « a *tolheu* », ou lhe « fez *mandinga* » (2): nêsses tremendos casos, « *recorre-se ao benzedor...* »

(1) O termo « *esmadrigado* », (=deprimido) vem, ao certo, daí.

(2) Êstes malefícios são extensivos a adultos.

À criança fraquinha e «sem *nembros*» dá-se, para a fortalecer, um *banho numa dorna com o vinho a ferver*. Há o perigo de asfixia; mas pessoas há que tiram da dorna um caneco de vinho em fervura, e metem no caneco a criança, que fica com a cabeça de fora.

Vai a criança crescendo, e — ou «é *viva como azougue*, nunca tem parança, *tem bicho-carpinteiro*», ou sai «*morrinha*, sempre *engerida*» (= como com frio perene). Ou «*vai espigando*, promete ser *tirada das canelas*», ou «é *tarraca*, *atarracada*». Algumas, não sendo gordas, teem todavia «a *carne sucada*».

Nos grandes, «*pingarelho*» é indivíduo sôbre o esguio, e mal-seguro; em caso contrário está o que é «*uma trave*» ou «*homão*».

Criança que não é «de boa bôca» mas antes é «*debiqueira*» ou «*biqueira*» é ameaçada com «*queimarem-se-lhe os barbos*», com a colher de ferro.

Crianças que não «*medram* e teem *doairo* de sofrer são *pelêns*, *pangáios*, *tolhiços*, *melados*, *arenques*; teem sempre *fraqueira*, não teem *sustância* nem *'stúcia* (= alento), são *fanguieiros*» («*fanguieiros de si*»), («*fanguieiros do corpo*»).

Há os «*sometidos do peito*» (= de peito deprimido, enco-vado).

O que chora sempre é um «*enxalmo*» ou um «*crausto*» (= cáustico).

O muito inquieto e travêso é um «*incrêu*»<sup>(1)</sup>, um *rifenho*, um *judeu*».

Como «de pequenino se torce o pepino», às crianças «dá-se a criação» (educação) em certos ensinamentos, às vezes com san-

(1) Vem de *incrédulo* a palavra; e a transformação do significado, maior que a do som, seguiu o mesmo caminho que na palavra *judeu* e *rifenho*, que assim se chama também ao traquina *atravessado*.

*ção religiosa*, contendo preceitos higiênicos ou profiláticos, ou mêmramente preventivos contra perigos: «Não se deve *sujar* nos caminhos» porque fazê-lo «é *sujar* no regaço do Senhor!» — «Pão, ou outra comida, do chão não se leva à bôca, que faz ganhar alporcas»<sup>(1)</sup>. «Não se calcam *escarros feios* (= ensanguentados ou muito purulentos), que isso faz pegar-se a moléstia». — «Não se pega em *gravêtos* ou moliço (= caruma de pinheiro) a arder, porque quem o fizer miça na cama — e é uma vergonha!» — «Não se chega a gente à beira dos poços, rios ou barrancos, que pode vir o Demónio e atentar-nos e empurrar-nos». — «Não se vai atrás de sapos a atirar pedras ou a bater-lhes, porque esguicham do rabo um *veneno* que cega os olhos de quem lhes faz mal». — «Não se come fruta verde, que *talha* os dentes». — «Deitar tremoços (*curados* com água e sal) dentro do chapéu ou boné, e pô-lo, sem lavar, na cabeça faz ganhar *tinha*».

Continuando com o *corpo* (= tronco): Na intersecção do «osso da espinha» ou «das costas» ou «do suão»<sup>(2)</sup> com a linha da «cinta» estão as «*cruzes*», ou «*cadeiras*» ou «*reins*»<sup>(3)</sup>. A «*barriga*» tem latitude maior que «*ventre*», que é só «o de dentro da barriga», e abrange estômago<sup>(4)</sup>, figado, baço e rins ou riles, e as tripas, delgadas e grossas, *bexiga*, *redenho* «que está pelo meio

(1) Todavia ao pão que *adregou* cair ao chão, a primeira cousa que se faz é beijá-lo religiosamente: depois é que se esmigalha, para as aves ou outros «*fôlegos-vivos*», a parte que se sujou.

(2) Na Beira, pelo menos a respeito de alguns animais, em vez de «o suão», diz-se «*a suã*». (Conf. Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, passim).

(3) Evidentemente «as reins» é palavra que diz o mesmo que «rins», e o povo diz «*as reins*», como diz «*a fim*» — («pensou chegada a sua *fim*, estar-se na *fim* do mundo», etc.); porém «*as reins*» são também indicativas da *região* nomeada igualmente por «*cruzes*».

(4) Em calão «o fole das migas».

de tudo » (= mesentério), tendo o nome especial de « lenço » o grande epiploon. Também ao conjunto das tripas se chama o *fato*; assim como, vâgamente, aos órgãos de minúsculo tamanho que estão « lá p'ra o *int'rior* » chama-os o povo « *os miudos* ».

A expressão: « F. é *duro* da natureza » e « é *cálido* do sangue » quer dizer « é preso do ventre ». Em caso contrário « é *sôlto* ». — « *Dá-lhe volta* a natureza » ou « não se segura da natureza » aquele a quem se solta o ventre.

Diz-se: « F. esminhou-se, esfoeirou-se, esforricou-se » (= desfez-se em diarreia; mas o 1.º termo parece indicar também esgotamento por excesso venéreo).

Quem, por « *lobaz* no comer, *atafulhou* de mais e se *empanzinou*, precisa ir *esmoer* a barrigada; senão, pode morrer *entourido* (ou *empachado*), se a natureza não *desandar* ». E diz-se: « F. não há comer que o *abonde*, e não medra: tem bicho (ou mal) que o roi por dentro; o Senhor nos dê muito e sustente com pouco ».

É farta a sinonímia para indicar o « *traseiro* », contribuindo muito o calão: é o *assento*, o *través*, o *proio*, a *bunda* (do Brasil), o *sêso*, o *de-trás* (na Beira, o *ce-trás*; — Aq. Rib., *Terras do Demo*, passim), a *traseira*. Ao esfíncter, ou melhor, à prisão do esfíncter anal, chama-se « *as serralhas* »: (« F. já não tem serralhas », = não se segura, « deixa-se ir »). Indicando o prolapso do ânus, diz-se: « F. puxou até deitar o ovelho de fora ». Quando isso sucede às crianças, « mete-se-lhes para dentro, a *amor* (= devagarinho) com um trôço de couve, untado de azeite ». Há as « *bochechas* » (= nádegas). Há as « *franjas do c.* » ou simplesmente « *as franjas* ». Persiste a expressão: « fugir com o rabo à seringa ».

« Às *almoreimas* ou *alborródias* faz mal a azeitona, o café, peixe e carne reimosa — as *comidas quentes* » (não é referência à temperatura com que são servidas, mas à sua qualidade). Para as *almoreimas* « é bom banho de assento em água de malvas ».

O estômago é também « a moela »: (« F. tem moela capaz de

esmoer pedras »); e lá sente-se « um *roedouro* quando está a moer em sêco » (= muito tempo vazio). (Há a ideia de que a muita água no estômago é o que não deixa respirar e « *vir a si* » o que se ia afogando; e, assim, afligem-no ou acabam-no virando-o de cabeça para os pés — « a esvaziá-lo »).

« Erguer-se da cama para beber água e voltar logo *à deita* », ou, se é noite velha, « sem *acordar a água* (enxogalhando-a », isto é, agitando-a), « faz ganhar *tropesia* » (= hidropesia).

Feijão, frutos de caroço, etc., são « *comidas empidosas* » (= indigestas). Há a *bôca do estômago*, onde « as pancadas deixam a pessoa sem *fôlgo* e, depois, *enzampada* » (1). Há estômago *relaxado* e *derrancado*, — e êste mal vem, quâsi sempre, ou « de se *puxar pelo corpo sem comida que remedeie* », ou « *de não se comer a horas, umas vezes estando um rôr de tempo sem nada, outras comendo sem ter esmoído o que estava na moela* »; ou « *de não se ter regulamento com a bôca* », sobretudo a gente pobre e sôfrega, « *comendo umas vezes tudo, outras vezes nada, não guardando do tempo de-la-risa para o de-la-chora* ». Há os que sentem a « *comida encruada* no estômago », e os a quem « a comida se *deposita* no estômago ». Há os que « *teem azia* », e atalham-na « *comendo uma maçã ou outra fruta, ou um torrão de açúcar* »; há os que « *padecem de arrotos chocos* ». Há a ideia de que faz muito mal « o comer mal mastigado ». « *Com os arrancos vêem umas colras verdes* » (= cóleras, bilis).

A *triz* (= icterícia) talha-se; mas « muito bom para isso é beber em jejum urina de menino ou menina virgem ».

« Os soluços fazem-se parar *metendo um susto* ao que soluça » e « tomando o *fôlgo* em si ».

(1) Na Beira « *enzampado* » é o « *tolhido* » por *indrôminas* ou *mandingas* de quem quer mal. (Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, pág. 115).

Ao fundo do estômago há a *espinhela*, «que cae» e que, nestes sítios, se endireita exactamente pelo mesmo processo minuciosamente exposto na monografia *Espinhela caída*, do dr. Cláudio Basto, com o respectivo *emplastro* e subsequente descanso e sobrealimentação, a que se chama «deitar uma juntoura ao corpo». Há uma comida que as pessoas idosas dizem ser, dantes, preferida: um carneiro assado no forno, de que se iam partindo, em dias sucessivos, grandes traços, a que se juntava a competente *molhadura* — de vinho.

Há indivíduos *enzombados* ou *enconcados* das costas, — que *enzombam*, que *enconcam* das costas, ou do *osso-da-espinha*. E há *encangados* (=presos) das costas (e «dos ossos» em geral), — o que vem quasi sempre de «secar roupa molhada no corpo» ou de «a gente se deitar de costas na erva verde ou no chão *lento*». Significa-se quasi a mesma coisa com a palavra *engampado* (que já vimos manter outra significação na Beira): porém, a causa do enzampamento é, antes «grande queda ou agüentar pesos *desconformes*». O mesmo diz «espalhado do corpo, das costas».

É na parte superior das costas que alguns teem *marrecas* ou *michas*.

Nas costas não se deve apanhar sol, parado (nem na cabeça; só nos pés). «Estar à torreira do sol até pode fazer ferver os miolos, e o sangue, — e não há salvação» (parece aludir-se vagamente à insolação). Para dar-se ideia de que uma pessoa está muito bem, é muito feliz, diz-se: «Está na neve com os pés ao sol». «Muito perigoso estar exposto, parado, ao *sol-cris*».

À *arca* do peito também se chama «*os tampos*», exemplo na expressão tão vulgar: «Meto-te os tampos dentro, arrombo-te!» Há a *tábua-do-peito* ou *osso-do-peito*.

Anda-se «encerrado do peito», nas constipações.

No peito se localiza a maldade: «aquele peito é um saco de

*postêma* (figurado)»; também se localiza nos ossos: «F. tem a malícia entranhada nos ossos»; ainda no fígado: «sujeito de maus fígados», «F. tem muito fel»; e no *coração*: «sujeito de má *colada*» e «nas entranhas»: «... é de más entranhas, de mau interior».

Há a *pulmonia* e a *queixa-de-peito*. Também se diz simplesmente: F. vai a queixa <sup>(1)</sup>, ou «a ético».

Corre êste aviso: «Constipação relaxada (=desprezada) leva, ou passa, a *queixa-de-peito*».

No peito estão os *bofes* (=pulmões): («F. de tanto que fuma, tem os bofes queimados»). Há a frase «deitar os bofes pela bôca».

Há pessoas «de coração apertado»: «F. tem apertada a arca do coração».

Diz-se: «passou-me uma *nuve* pelo coração que mo encobriu» e «senti um *trupeiro*, ou *batedouro* no coração, que parecia um cavalo».

O *sangue*, às vezes, «anda *malinado*»: «Ao F. malinou-se-lhe o sangue»; e pode a causa ser moral: «F. cozeu, recozeu em si o desgosto, a *sesénia* (=scisma amargurante) a pontos que malinou-se-lhe o sangue, e caiu doente». Localmente a expressão: «F. teve uma *malina*», é mais vaga e vasta do que «têve uma *febre malina*». Os ares também *malinam*, *andam malinados*: («Da grande sequeira pegada, andam os ares malinados»).

De um grande abalo súbito, e suas conseqüências, dá-se ideia assim: «Caiu-me a alma aos pés; fiquei sem pinta, ou sem pinga de sangue», ou «gelou-se-me, arrefeceu-me o sangue: se na ocasião me metessem uma faca, não deitava um quartilho».

(1) Queixa é também um padecimento vago, abrangendo mais que a ética. Na Beira há a mesma ampliação, e Aquilino Ribeiro, na *Via sinuosa*, traz uma descrição viva e acabada da «*queixa*» em que talvez se possa enquadrar mais de uma manifestação da «neurastenia»; é a págs. 205-207 da obra citada.



Há pessoas a quem *formiga*, ou *esformiga* o sangue». «Às vezes sente-se um formigueiro no sangue».

Filiam-se no «bom sangue,— em ter ou não sangue limpo» — o ter, ou não, certas «*borbulhadas*» e «*fogagens*», sendo contra-indicado que os padecentes «*apanhem o ar do lume*», sobretudo «*o ar do forno*».

Nas *fogagens* às vezes aparece uma «*aguadilha*».

Parece que é à *clorose* que se chama, nestes sítios, «*fraqueza de sangue*»: («*F. traz o sangue fraco; padece de fraqueza no sangue*»).

É muito viva a crença de que «a sangria por meio de *talho* ou *lanho*, ou por *bichas* (=sangue-sugas) é que *salva*; canté isto de *garrafadas*, *boticadas*...»

Permanecem dêstes ditos: «Escusado correr tanto: não é nenhuma *sangria desatada!*»; «*F. está quási escoado: desataram-se-lhe as veias*».

Velar o sangue em ferimento ou *lanho*,— se em casa, «é com *teias-de-aranha* e *açúcar*»; se fora de casa, exemplo, nos *pinhais*, «com *pêlo rapado do chapéu*».

A ideia que se faz das *veias* é compatível com o implicado nestes dizeres: «*F. estava agramaçado* (=com *calefrios*, *agramaços*), bebeu uma água de caldo bem quente (ou uma água de unto, ou de *pingue*, ou de *galinha*) e sentiu-a *correr-lhe as veias do corpo todo*». A mesma ideia transparece nesta expressão: «É perigoso deixar enterrar na carne uma agulha; é preciso arrancá-la antes que se suma pelo corpo dentro, porque tem *aço* e *corre o corpo*, e *atravessa as veias todas*».

Relativamente aos *éticos* há a ideia de contágio, pois «*aparta-se a louça*»,— porém sem constância e rigor— e sem *asepsia*. Há a convicção de que «*pelos suores é que se apega o mal*»; de modo que, morto o *ético*, «*queima-se a enxerga e a roupa, que pode-as ter estrepessado o suor*». Também à *queixa de peito* se chama

«*febre lenta*» — e é o que na literatura romântica, por exemplo nos romances de Camilo, se chama «*a consunção*», ou «*consunção lenta*» — preferida para heroínas simpáticas. Também se diz «*ir a pouco*».

A constipação — e também qualquer andaço — «*costuma arrumar* (=atacar, caír) para o *doi* que a pessoa tem, — que, por mal de pecados, todos teem o seu *doi*» (=mal crónico, ponto fraco).

Há pessoas «*sécas*, ou *fechadas dos humores*» (=que não costumam escarrar, e raro, ou nunca, se assoam); e há-as (as mais *cariveis* a constipações) que teem sempre o *grêlo* ou *môrno* do nariz, com tamanho *môrno* (ou *mormeira*) que deitam *postêmas* que precisam de uma *gabela* de mato para as cobrir e não dar engulhos <sup>(1)</sup>. Remédios, além do *suadouro* com a muita roupa, há as *emprastadas* de linhaça e mostarda e sobretudo, e inicialmente, o *escalda-pés* com cinza, em água muito quente, esfregando-se bem as barrigas das pernas com baeta, «*que é para puxar abaixo os humores*».

Nos fortemente constipados, quando com muito *môrno*, nota-se uma *gogueira* ou *pieira* <sup>(2)</sup> (=ruído de respiração muito árdua); mas, com *suadouros* «*a panela*» — que é o que produz a mesma *gogueira* ou *pieira* — «*coze*» e «*começa-se a botar para fora*». À constipação demorada, e sempre *carregada*, e da qual começa a *desconfiar-se*, dá-se também aqui o nome de *gapeira*, vocábulo que, no Minho, arredores de Famalicão, ouviu o sr. dr. J. A. Pires de Lima <sup>(3)</sup>. Mas — ao menos aqui — crê-se que a *gapeira*

<sup>(1)</sup> Diz-se indiferentemente *môrno* e *mólmo*; o mesmo para *mormeira* e *molmeira*.

<sup>(2)</sup> Parece vir de *gôgo*.

<sup>(3)</sup> J. A. Pires de Lima, *Notas sobre a epidemia gripal*, pág. 7. Separata do *Portugal Médico*, 1918.

«se apega». «¿Tens mêdo de te chegar a mim?! Olha não vá pegar-te a *gapeira!*» (também no sentido figurado).

Nos mal lavados há, característico, o cheiro dos sovacos, quando há suores: «é o cheiro a *rapozinho*».

## III

## PESCOÇO

No pescoço, que começa pelo «*arco do pescoço*», há o *gargomil* e, nos homens somente, «o *carôço de Adão*», porque êste, ao engulir a *maçã* que Eva lhe deu, arrependeu-se e lançou ali a mão, quando lá passava o carôço. «Pancada no carôço pode dar morte». No pescoço há «a banda direita e esquerda»; e por trás o *cachaço*. Dentro há as *campainhas*, *goela*, *garganta* <sup>(1)</sup>, *canal do estômago* e *canais do ar* (=brônquios). «Cuidado com espirros ou risadas tendo o *bocado* na bôca; pode ir alguma migalha para a *estrada-velha* (ou *canais do ar*), e morre-se *entalado* (ou *esganado*)».

«Água de fonte fresca é boa, mas faz enrouquecer da garganta». Gente gorda tem na parte anterior do pescoço (=frente do pescoço) «*regueifas*, *rôscas*, *barbela*»; e, na parte posterior ou cachaço, tem «*caluga*». Gente descarnada e *encorrilhada* «tem *inchadas* ou *saídas* as *cordoveias* do pescoço»; e «tem a dançar as *pelancas*» (=pele flácida). Sobretudo gente velha «tem o pescoço *encorreado*» (e também as mãos e cara).

Os que teem *alporcas*, teem no pescoço os respectivos *carroços*.

Da goela é advogado S. Brás: («¿S. Brás de Canelas te alargue as goelas!»)

(1) Também se diz *gorja* e *gasganête*.

## IV

## Cara e cabeça

No queixo (=mento) ou *barba* há, por vèzes, «a *cova do queixo* ou *da barba*» (e, nas caras bochechudas, pode haver as «*covas da cara*» ou «*covas do riso*» a meio das bochechas-da-cara) <sup>(1)</sup>.

Há as *maçãs* ou «*ossos da cara*». Na bôca, o «*beijo de cima*» e «o *de baixo*»; os *cantos da bôca* (=comissuras), sendo usual aplicarem, bem como nos *cantos dos olhos*, a palavra «*couce*» (evidentemente analogia com os engonços das antigas portas de gonzos, em que havia «o couce», e só até ali as portas abriam: diz-se «¿F. abriu, de espantado, a bôca até ao couce!»; «*abre-me êsses olhos até ao couce!*» (isto é, sê esperto!); dentro há o *céu-da-bôca*, a língua (em calão, «*sardana*») com sua *raiz*, *meio*, *ponta* e *freio*; os dentes (*da frente*, *agulhas*, *queixais* (ou *molares* ou *mós*) e o *dente-do-juízo*) nas respectivas covas, que são nas *engibas*; — e as engibas são nas *queixadas*, — notando-se que o povo chama queixada principalmente à inferior. As articulações chamam-se «*engonços*» da queixada ou da bôca.

Os dentes com dor «*talham-se*»; mas também se lhes «*deita aguardente*» e, ainda, «*uma pedrinha de incenso*», mas êste *remédio é perigoso porque, adiante, o dente parte-se*. A dor surda de dentes é «*moedouro*»; e «*à dor viva faltam só 2 graus para chegar à dor de danado*». Se «a dor é nalgum *queixal de riba*, ao *endireito dos olhos*, não se tente arrancá-lo enquanto durar a inflamação, porque pode-se ficar cego» ou «*subir o mal ao celebre*».

(1) Aparece «*barba*», sinónimo de «*queixo*», por ex., no ditado: «osso do suão, — barba untada, barriga em vão!»

Os abcessos na bôca são « a queixada ou a engibe que *colheu* ou *criou* ».

As môlhas costumam dar constipação que, muita vez, « *arruma* para os dentes ».

Nos beiços e nariz há, por vezes, o « *cieiro* », que se *talha* <sup>(1)</sup>.

No nariz há: *a raiz, cana, ponta e buracos*.

À parte saliente da cara (beiços, nariz) chamam, em calão, « *bitáculas, trombas, fungões, fuças* » <sup>(2)</sup>.

Nos rapazes, antes de aparecer a barba, vem a *penugem* da cara e, na transição, aparecem as « *espinhas carnaís* ».

À rapariga com sardas chama-se, ou chamou-se, « *lentejosa* »: uma, cantando ao desafio, despicou-se assim quando o *cantador* lhe aludiu às sardas: « Vós chamais-me lentejosa, — Foi Deus servido eu tê-las; Também o céu é bonito, — E mais tem suas estrêlas! »

É pela cara, nariz, beiços que mais vezes se vê o cancro, ou *câncaro*, — que é tido como um ser vivo com individualidade sua, completamente independente da do paciente, roendo-o pela precisão fatal de « se alimentar a si mesmo »; e « para poupar-se o desgraçado que o tem, põe-se carne, adubo, na *bôca do cancro*, para o ir *entretendo* . . . » Assim como a grávida, ao alimentar-se, precisa « de ração para si e ração para o *anjinho* », também o cancerado tem de alimentar-se a si e ao cancro.

Pela idade ou pela doença, junto dos olhos formam-se « *dedos-de-galinha* » (= emmaranhado de rugas miudas). Há *olheiras* ou *olhos pisados* (= manchas azul-roxo aos cantos dos olhos, junto à cana do nariz), e veem da doença, *chôro*, excessos.

(1) Nas serras da Beira, a um certo vento chama-se « vento *cieiro* ». Aquilino Ribeiro, *Terras do Demo*, passim. ¿O vento a que se atribui a produção do *cieiro* ?

(2) Na Beira, « *fúcias* ». *Ibid.*, pág. 269.

Nos olhos há: a « *capela* » (= pálpebra) e *pestanas*; as « *bugalhas* » (ou *bugalhos*) e nestas « *o branco* » e « *as meninas* »; os « *cantos* » (= comissuras) que também chegam até ao couce <sup>(1)</sup>, e, por cima, as sobranceiras ou « *sofrancelhas* ». Ainda o povo tem ideia das *órbitas à parte dos olhos*, como se vê da expressão: « Filho desalmado, capaz de arrancar os olhos à Mãe e mijar-lhe nas *pôças* (ou *covos*) » <sup>(2)</sup>. Purgação dos olhos é *ramela*.

Há o *terço* (= terçol) que se *talha*, — e há *belidas, névoas, cataratas, inflamação-d'olhos, gôta-serena* e « *unheiro* », — perturbação e dor « que dá de repente nos olhos, podendo fazer cegar »; o « *unheiro* » talha-se (posto que a palavra pareça antes implicar referência às unhas, é precisamente assim que por aqui se designa uma afecção dos olhos. Porque o sr. dr. José Amorim nunca ouviu que doentes seus lhe *nomeassem* tal mal, reverificamos interrogando mais de uma pessoa do povo: ignorando a qual padecimento se referem, explica-se que não vão ao médico visto que é « mal de se talhar »; e quem fôr evitará dizer *de que mal sofre*: isso vai êle saber).

Para doenças de olhos, em geral, é muito utilizado pelo povo o cozimento de flores de sabugueiro (ou « sempre-verde ») e o de rosas: há mesmo umas — chamadas « *rosas-dos-olhos* ». Algumas mulheres que cheiram rapé alegam fazê-lo « *por sofrerem dos olhos* »; e, como são *sêcas* (ou *tapadas*) dos humores (= isto é, « não deitam

(1) Conf. atrás, « o couce » da bôca.

(2) Para o povo, os olhos são indicador da *indole* e também do *estado-de-saúde* e da *disposição* da pessoa: « Com a febre estão os olhos — *guichos* »; às vezes « como *carvões* »; por vezes — « *envinagrados* »; em transe — « estão em *alvo* ». Há indivíduos de « *vista baixa* », com « *olhar de porco* »; há-os de « *olhos vivos* », « *olhos quebrados* »; de vista « *trocada* » (estrbismo), « *cansada* » (presbi-tia), « *curta* » (miopia). É de conferir a expressão « *rabo do olho* » com o francês « *bout des yeux* ».

pelo nariz»), *precisam da pitada para descarregar, e aliviar das vistas* (1).

Reputa-se o olhar—conduto de malefícios: («F. deita uma *olhadura* que *aterrôa*»; «*deita quebranto*»; «*deita mau olhado*» ou simplesmente «*olhado*»).

Assim como há «*doairo de ougado, de bichas*», etc., também há «*olhos de ougado, de bichas*», etc.

No ouvido há: *orelha*, «*buraco*» do ouvido, «*bicho*» (ou «*bichinho*» do ouvido) no fundo do buraco; e há a região «*atrás da orelha*». Purgação do ouvido é «*cera*». Há ouvidos que «*materiaem*» quando «*criam*» ou «*colhem*». Há quem tenha «*zoeiras*» nos ouvidos.

A cabeça consta de: *caveira*, com os *miolos* dentro; *testa*; *meio da cabeça* (nas crianças, «*moleira*»); *coruto*; *nuca*, *cova-do-ladrão* e, lateralmente, as *fontes*,—onde a «*forte pancada é morte certa*».

A cabeça é a sede do «*juízo*» e do que se chama vâgamente «o génio, o natural da pessoa». Alguns «*tiveram grande doença em pequenos e ressentiram-se do celebre* que nunca mais ficou *escorreito*». Diz-se «F. é de génio *carniceiro*» e há as expressões quâsi equivalentes: «F. é *exaustinado*, tem *reboladas*, é *repentino*, está com a *onda*, ou com os *febres*, *encanzina-se* por um nada, *formiga* por êle acima não sei quê...». Também, contrariamente, há pessoas «*de bom moral*». Diz-se ainda: «F. anda *areado da cabeça*, dão-lhe *degouras* (= *desatinos*); F. anda ou ficou *apancado*» (= *azoratado*, *amalucado*). «*Não se faz barulho, nem se vai com partes ruins* (= *notícias*) a quem está com febre, que pode *bolir-lhe com o celebre*».

(1) Ao povo repugna dizer «*ólho*» no singular, desde que o calão deu um sentido diverso a essa palavra: diz «*uma vista*», tirar um «*trampo*» duma das *vistas*, etc.

«*Dar-lhe pela cabeça*» é o ataque apoplético, que também se designa pela só palavra «*ataque*» (para os de outra natureza é que é preciso especializar: de *bichas*, de *gota*, etc.). Também se diz: «*subiu-lhe o sangue ao clebre*»; mas o trivial é: «*embarrou-lhe um ramo ou raminho*», ou «*um ramo de estupôr*». Quando se diz: «*mal lhe empeçou* (ou *embarrou*) *raminho*» ou «*ponta ou sombra de raminho*», ou «*ameaço*», quer-se indicar ataque muito leve.

Difícil perceber onde o povo localiza o *flato*, *nervoso*, *bravuras*. «*Bravuras*» são quaisquer convulsões, e são também as extravagantes manifestações de doenças nervosas, histerismo... —e é aí a raia indecisa que separa os sobrenaturais malefícios do diabo (= «*mafarrico*», «*porco-sujo*», «*cão-tinhoso*»), das naturais doenças, aliás «*castigos que o Senhor dá*», mas simplesmente *deixando* que o corpo os padeça, *sem directo e acintoso milagre*,—admitido só em raros casos. Exemplificando:—Indivíduos a quem «o braço mirrou»—talvez porque alguns dêsses, algum dia, foi mau filho—mostram-no as Mães às crianças dizendo: «*mão ou braço que se levanta para Mãe ou Pai fica logo sequinho e hirtego: olha aquele espelho!*»

Relativamente amiúde, levantam-se novos casos a revigorar crenças destas, pela tendência popular a dar filiação extrahumana ao que saia do corriqueiro: Em Espinho, há poucos anos, estando a falar numa sessão festiva ou propagandista, Santos Pousada foi acometido de congestão cerebral e morreu de repente: A Nogueira chegou a notícia nesta versão: «*Estava um homem, à Ponte-d'Anta* (lugar *êrmo* perto daquela praia), *a falar contra o Senhor, mas ficou logo num carvão e caiu redondo*»: Debalde se lia no jornal e se dava a notícia verdadeira e natural. Debalde. Quâsi sempre o povo *dêsloca* o acontecimento para sítios *ínvios*; e «a pessoa» não tem nome, nem se lhe assina naturalidade: fica no vago.

E desastres acontecidos a quem «*não cumpre os preceitos*», são «castigos» directos «do Alto», que «com Deus não se brinca. Êle castiga sem pau nem pedra».

O povo, posto não conheça os *nervos* e dê tal nome, na carne que come, aos ligamentos, expressamente os nomeia: «a dor de dentes foi muito grande, que o mal chegou-lhe ao nervo; e: «dois homens possantes não seguram, nas *bravuras*, a rapariguinha — que, quando está *no seu sério*, não pode nada: *aquilo é força nervosa!*»

Além dos *nervos*, o povo, para estas cousas, mete na balha o estômago, a *madre* e seus *galhos*, «que sobem acima, a atafegar». Porém a grande, a usual causa é «o *bruxedo*», as *pragas* e «as *bruxarias* que nos fazem pessoas de quem menos se cuida!» Também, por isso, o que se faz usualmente é... «*procurar*»: (simplesmente assim se diz, — que há uma espécie de sigilo nestas coisas. Procurar é «ir à *benzedeira* ou *menino-bento* ou morada-aberta»).

*Alucinações*, sobretudo visuais, que o povo chama «vêr cousas, *sentulhos*» (e a que, com outro sentido mais *naturalista*, também nomeia «*strefigurações fantascas*»), «veem do signo em que a criatura nasce», e ainda «de faltarem palavras do baptismo».

As *pragas* «pegam melhor» quando «*rogadas entre a hóstia-e-o calix*, na missa», ou «*rogadas em hora-aberta*». Hora-aberta é «quando os planetas, no seu trabalho, dizem amen» (parece vaga e indistinta noção de acabamento de revoluções planetárias). Na hora-aberta (ao soar meio-dia, trindades, meia-noite) se se está em cima de árvores ou em sítios perigosos, desce-se, interrompendo o que se estava fazendo.

Diz-se: «F. anda com o *flato erguido*» e «dá-lhe para arrotar» ou «para tremer em varas verdes».

De algumas pessoas ainda não velhas, que tremem ou *abanam* das mãos, incapazes de segurar vasilha sem lhe entornarem

o conteúdo, diz-se irónicamente que «tem *tremelega*», — doença vulgar nos porcos.

Uma rapariga vizinha, de 20 anos, R. D. O., conta assim o comêço dos seus ataques (de carácter epileptiforme): «Dá-me por o dedo grande do pé, às vezes ainda eu na cama; vem aquela *breca* pela perna arriba, tenho de levantar-me, que começa a aflicção, um *trupeiro* no peito, *que não posso com a vida* e tenho de gritar...» — Efectivamente rompe campos fora e, em altas vozes, diz adeus ao pai e mãe, «*até ao dia-de-juízo*»; e, de faces esbrazeadas, foge, «*porque tem de ir*». Seguem-na a distância, pessoas de família, «não vá o *tentador* dar com ela nalgum poço ou *levada*». Termina por convulsões, «*perdidos os sentidos*», e com os dentes trinca a língua e lacera a mucosa das bochechas. Acabado isso, enorme depressão se lhe nota. Tem corrido (e os seus, *com roupas suas*) os benzedores e santos milagrosos de que teem notícia; há pouco em *Arcozelo*, Gaia, apareceu mais uma «*santa*, achada *inteira* na cova» e está-se com ela no auge da fé, — e lá teem ido ela e a família, com promessas <sup>(1)</sup>. Anos se conservou secreto o *mal*, desta vizinha nossa, porque é humilhante um acha-

(1) As romagens à «santa de Arcozelo» teem despovoado freguesias em redor. Curioso — atestando a invencibilidade do pendor popular — é que, por exemplo, em Nogueira, o chefe da política que desde 1910 afecta hostilizar a religião lá foi com a família à *santa* — porque esta espécie de crença é que é a profunda, sobrelevando à política, e, mesmo, à *religião da igreja*; pois, sendo os padres contra estas práticas, o povo reage, como também continua a guardar jejuns e *votos*, dispensados ou proibidos. Há anos foram proibidos pelos bispos *os votos*, — procissões que, por certas festividades, convergiam a determinada capela, com suas bandeiras e cruces, e com o povo na capela respondendo em cântico às ladainhas entoadas pelo pároco. A relutância a essa proibição foi em proporção inversa com o adiamento das populações. Em Nogueira, como o clero obedecesse aos superiores hierárquicos e não acompanhasse o povo, este formou, por muitos anos, só por si, a procissão completa — bandeiras, cruces, etc. — e, a entoar a ladainha por um ripanço, ia um trabalhador a quem chamavam «o Pad-João».

que dessa natureza, a que pelo menos se associa a *feiticaria*, a intervenção do diabo, quando não dêem essa intervenção por causa única. Aventa-se sèriamente «quem faria o feitiço». A medicina é a coisa mais desprezada em casos taes.

Um tio desta rapariga tinha também dêstes ataques. E aqui, na freguesia, pequena de área e população (cêrca de duas mil e trezentas almas), abundam pessoas loucas. Como no geral do concelho da Feira e nos limítrofes, sobretudo nos de beira-mar (observação do sr. dr. Aguiar Cardoso, da Feira) é muito o abuso do vinho; a hora predilecta da embriaguês é à noite; e muita concepção terá lugar estando ébrio um dos progenitores. Em Nogueira da Regedoura são constantes os casamentos entre parentes, quási todos primos uns dos outros, e ainda há pouco era muito notado, «reparado» que alguém da freguesia casasse com pessoa de fora... Vem isto do modo de vida desta gente; a sua geral ocupação é na indústria da serragem manual: afora meia dúzia de pequenos lavradores, que não abrem mão de suas terras, tudo são serradores. Começam em tenros anos a ajudar os pais ou irmãos mais velhos, «serrando à *gatêsma*», isto é, puxando à «*serra-grande*» junto com o pai ou irmão mais velho, colocando-se em frente dêste, e puxando não pela «*cabrita*» da serra, à qual não chegam, mas por uma guita que lhe é atada, e à qual se chama «*gatêsma*». Em maiorzinhos serram o *fasquio* à «*serra-pequena*», até terem fôrças (= *stúcia*) para pegar na «*harpa*» (= *serra-grande*) e ir para os pinhais com o «*companheiro*». Não saem daqui; só lidam uns com outros... Certo, porque às vezes há falha de «*obra*», e como só teem habilitações para serrar, vão muitíssimos para o Brasil, mas quási só «para a *roça*», trabalhar à serra; a sua convivência exclusiva é com gente de cá e com mulatos e negros, de um estado mental de gado. E, em geral, os que voltam, veem peor do que partiram. Através de tudo, é gente boa, de fundo humano e piedoso, apesar das aparências desabri-

das, não se registando, por gente de cá, uma morte, um fogo-pôsto, um acto denunciativo de perversidade. Barafusta-se de frente, de homem para homem, mas não se usa traição. Como em tôda a parte, há partidos. Quando há poucos anos aqui se implantou, uns dias, a chamada «Monarquia do Norte», não houve cá uma represália.

Parece que, recentemente, nas expressões usadas pelas «moradas-abertas», e por quem as frequênta, se vão usando têrmos tirados das práticas espiritas: dantes dizia-se: — «Na morada-aberta falou a alma do falecido F. ou C.», (alma que «anda metida» no paciente) (1); e ultimamente vai-se dizendo: — «o espírito veio e falou; o espírito desta vez não veio» (2).

Em certos dias, por exemplo da Semana Santa, «o espírito não vem, é escusado ir à morada-aberta».

A morada-aberta de Nogueira, ao cair (= «entrar em tranze» — dizem os espiritas) está sentada num banquinho baixo, junto da parede, e a mulher mete-lhe um lenço dobrado debaixo da cabeça... para êle não se magoar nem arrefecer a cabeça...; o ventre incha-lhe muito, e o pescoço também; e a voz (que é, então, a voz já não dêle, mas da alma ou espírito) é «voz *demudada*, que *aterroa*» — segundo o relato de vizinhos que assistiram, — que êle repugna a deixar assistir quem não seja do povo crente.

(1) «Veem almas do outro mundo meter-se no interior dos vivos» (e não temos expressão exacta como o francês *revenants*), e parece que isso se dá quando alguém, que faleceu, deixou não cumprida alguma promessa (religiosa) ou alguma restituição, ainda por «mudar marcos» que extremam leiras e por ter deixado «*rabos de palha*» (= ficar a dever a donzelia às a quem se desvirginizou prometendo-se-lhes casamento — não cumprido).

(2) Aquilino Ribeiro, na *Via Sinuosa*, pág. 70, faz a comparação atilada entre o têrmo *medium* e *corpo-aberto*.

Coexistindo com as expressões que parecem acusar modernas influências do espiritismo, há, mais antigas, as que adoptam termos de exorcismos: («F. traz alma penada; é preciso *requerê-la* = *esconjurá-la, expulsá-la*, a poder de rezas, para o *mar coalhado*!»).

## V

Finalmente, tendo tocado em «achques» a propósito de partes do corpo em que o povo as localiza, deixamos para o cabo certos acidentes e padecimentos—como ferimentos, queimaduras, mordeduras, reumatismo, etc.,—que podem ser em qualquer sítio.

Na *pele*, a que o povo também chama «o couro»: («F. tem o *couro* calejado»), aparece uma inflamação que se chama *bicho*. Talha-se; mas, na benzedura, a *mèzinheira vai passando uma braza* por tôda a parte inflamada.

Na *mordedura de cobra* e na de *víbora* põe-se gordura («*adubo de porco*»); e, principalmente quando desconfiam que a *bicha*, por muito sarapinta, é em extremo «venenosa»—maneira vaga de indicarem a víbora—procuram logo uma *vêrga de carvalho* e apertam bem, interrompendo ali o giro do sangue «e a chegada do veneno ao coração». Entretanto vai-se buscar «a *pedra*...» Observa o sr. dr. José Amorim que essa prática, se seguida de imediata intervenção cirúrgica, é eficaz,—tendo-lhe acontecido, em S. João-de-Vêr (Feira) sangrar logo o sítio da mordedura, onde o sangue represara por aquele processo, saindo no sangue o veneno, e nada sofrendo o mordido. O peor é que, para o vulgo, não serve em casos tais qualquer ligadura, *mas só a de vêrga de carvalho*, e na sua procura gastam precioso tempo...

Para se *afugentar a cobra de junto das casas*, «*queimam-se couros*» (e ameaça-se fazer o mesmo contra «os sarnas», os maçadores).

Porém aqui, contra a mordedura de cobra ou víbora, o recurso mais preconizado e seguido é a aplicação da «*pedra*» à mordedura. O ferido limita-se a ir onde haja a *pedra*, longe que seja, e, lá, aplica-a ao sítio mordido: A «*pedra*» fixa-se por si, «*só despegando quando chupou tanto veneno que se encheu dele*»; então cai, numa tijela de leite, onde *larga o veneno (que bem se vê num azulado do leite)*—e torna-se a aplicar a *pedra*, a qual de novo adere... Crê o sr. dr. José Amorim, que as chamadas «*pedras*» são cálculos do estômago dum animal de África ou América. É certo que aderem ao sítio inflamado, um certo tempo, caíndo em seguida. A aderência será só enquanto há desigualdade de temperatura entre a «*pedra*» e a parte dorida, em que há febre? Quando a *pedra* cai ao leite, arrefece, e depois volta a aderir... Em Passos de Brandão (Feira) há, ou houve, uma *pedra*, que no inventário da casa foi partilhada, arbitrando-se-lhe (em tempos de moeda muito valorizada) o valor de 200\$00. Quando vinham pedir para a levar a algum mordido, depositavam *de penhor* um bom cordão de ouro. (Informes do sr. dr. José Amorim, que nessa freguesia faz clínica).

«Na mordedura da *vespa* ou *abelha*» aplica-se «o aço de qualquer ferramenta» que o tenha.

Na mordedura de cão danado ia-se, em geral, ao «*dente santo*»<sup>(1)</sup>. Hoje vai entrando nos costumes a ida para o Instituto Pasteur, depois que no Pôrto êle se criou. Confira-se, na Beira, o uso de pôr o *ferro santo* «sobre animais e pastores mordidos de cão danado»,—sendo a apô-lo um padre (1), segundo relata Aquilino Ribeiro, no livro regionalista *Terras do Demo*, pág. 267.

(1) Veja J. A. Pires de Lima, *O dente-santo de Aboim da Nóbrega e a lenda de S. Frutuoso*. Pôrto, 1921.

Pròpriamente na vila da Feira há, desde há anos, a crença de que ministrando-se a animaes mordidos de cão danado uma *papa* de certa planta existente, pelo menos, no sítio «das guimbras» e no quintal do empregado de Finanças, sr. António Neves, os animais assim tratados ficam imunes da raiva. Há pessoas de categoria, com cursos superiores, que afirmam e perfilham essa crença.

A «*mordedura de centopeias e aranhões* faz pelo corpo *pulmões*».

Há um grande terror do *lacrau*, *lacrário* ou *lacrairo*, — que «morde com o rabo»: é, por certo, a ideia do lacrau que já aparece para o Minho, alturas de entre Guimarães-Braga, e que não há aqui, onde se dão êstes nomes às larvas das borboletas da vide.

Pelo corpo aparecem o que chamam «tumores», que dividem em «tumor branco», «tumor maligno».

Há também o «lobinho».

*Erzipela* e *erzipelão* são a mesma cousa, parece que de mor gravidade o *erzipelão*. Talha-se, deitando ao lume «água da fonte, azeite de *oliva*, *queiró* do monte e *lã* <sup>(1)</sup> de *carneira viva*»; ardendo o quê, se diz:

Pedro e Paulo foi a Roma, — Nossa Senhora encontrou; — E Ela lhe perguntou: «Pedro e Paulo, que vai lá?» — «Morre por lá muita gente — De *erzip'la* em pô-la mão!» — Pedro e Paulo, torna lá — E deita-lhe água da fonte, — Azeite de *oliva*, — *Queiró* do monte, — *Lã* de *carneira viva*, etc. <sup>(2)</sup>.

(1) É *lã* cortada na ocasião do animal vivo e lançada *sem lavar*.

(2) Esta versão colhemo-la de uma octogenária daqui «Ti-Antónia Bellinha», parteira sem carta, poço de tradições sôbre cousas destas. Porém, perto dêste concelho, em Carregoza, já pertencente a Oliveira de Azemeis, vive um indivíduo que se assina Paiva Couceiro — o qual faz vida de curandeiro — dan-

Com muito terror se fala da *morfeia*, — que se *talha*, mas, reconhecidamente, *sem eficácia*, pois é «mal que não cede a nada, só a terra o cura...»

Do «reumático» diz-se que é «*como um cão ferrado nos ossos*». É vulgar preconizar-se «a esfrega, na parte dorida, com aguardente e alcânfora».

Para a *sciática* ou *dor sciática*, ao presente, vai o povo daqui a Chão de Maçãs, muitas léguas distante — «a *queimar no ouvido o nervo da dor* (!)» O prodigioso curandeiro, com um ferro quente, faz uma queimadura na orelha; depois «*receita* pomada para curar a queimadura — e vinte dias de descanso, sem poder passear nem puxar pelo corpo». É muito chamado para fora da terra — e ainda há semanas veio para norte do Pôrto — leva 300\$00, e mais, e o povo avalia a preciosidade do *remédio* por essas quantias que reputa elevadas. Em casa levava, há meses, 20\$00 por cada... queimadura de orelha; mas só aos domingos se encontra lá. Os seus cartões — que fornece aos consultantes — dizem: «João António dos Santos — *Cura radicalmente as dores sciáticas* — Chão de Maçãs». Vimos um em mãos de Bernardino de Oliveira Carvalho, de Grijó, Gaia, o qual foi ao homem maravilhoso; e de S. Martinho de Argoncilhe (Feira) mais de uma pessoa lá foram.

Nas *escaldadelas* aplicam, aqui, manteiga sem sal, ou miolo de pão-milho mastigado.

A *bretoeja* talha-se.

«Negar bebida a preso pode fazê-lo *danar-se*».

Ferida aberta, crónica, «se a lambe um cão, *sara* ou melhora muito».

do-se de preferência à hidroterapia, tendo lido Kneipp, — e que usa superabundantes fórmulas místicas de «talhar» e «benzer». Formavam «um missal» as fórmulas dêle que um amigo nosso possui.



É da tradição que, ao aproximar o lobo, «estaca o cabelo à gente, que, também, *se toma da fala*»; e os outros animais que conosco fôrem, cavalos, ovelhas, etc., «*dão-nos senha da sua vizinhança quando a alimária rondar ao endireito de nós*». Pretende-se que o lobo se afugenta acendendo lume e fazendo ruído com metais. (Só pessoas velhas se referem a isto, porque tem desaparecido os lobos das proximidades destes sítios).

---